

O QUE VOCÊ PENSA SER?

SÉRIE: NOVA IDENTIDADE

TEXTO:
PRELETOR: Fernando Leite
DATA: 07/09/2014
MENSAGEM :04/38

INTRODUÇÃO (1 Pe 1.1)

Bom dia, meus irmãos. É bom estarmos juntos. Esta é a terceira mensagem desta série, considerando que uma foi pregada em dois domingos – e, de fato, eu continuarei ainda nos dois primeiros versículos de 1 Pedro, e eu creio que ainda têm algumas ênfases que precisamos dar no início da Carta, já que são assuntos que definem todo o teor dos textos, nos quais vamos tropeçar constantemente.

Desculpem-me, vocês que tem 24 anos de idade ou menos do que isso. Quando eu me casei, tinha 24 anos. Com todo o respeito: vocês não sabem nada. Apesar de ter sido criado no meio de cinco irmãs, eu posso dizer que sabia muito pouco sobre o que é conviver com uma mulher. E, menos ainda, sobre especificamente o que é viver com a Jeane, minha esposa, com as suas características.

Por algumas razões, em algum momento no início do casamento, eu tive a infeliz ideia de tirar férias em um camping. Então, eu juntei algumas razões e informações; eu já estava aqui na IBCU quando passei por essa “febre”, e tinha gente aqui que poderia ser consultor de camping. Então, eu cheguei para a Jeane e disse: “Eu tenho uma série de razões para a gente tirar férias em um camping”. E ela disse: “Não”. “Por que não?” E ela trouxe uma lista de razões: mosquitos, areia dentro da barraca, o calor do dia, o frio da noite, a falta de privacidade, o fato de ter que andar muito para achar um banheiro. Não.

Como conhecedor das Escrituras, usei dos recursos que elas trazem e disse: “Mulher precisa ser submissa.” Adivinha quantas vezes fomos para camping até hoje? Nenhuma. O lema da minha esposa é: “você pode tirar-me de casa para estar numa situação melhor. Para uma situação pior, eu fico em casa”.

Com o passar dos anos, entendendo a sua mentalidade, eu sou grato a Deus por, de fato, não ter tido essa oportunidade de tirar as férias num camping porque, sinceramente, é muito ruim. Há lugares muito melhores para se estar ao invés de numa barraca, num

acampamento com todas as restrições - embora isso traga alguns privilégios.

Quando Pedro escreveu sua primeira carta, ele endereçou-a para um público que chamou de eleitos de Deus; mas, também em 1 Pe 1.1, chamou-os de “peregrinos dispersos”. E essa palavra descreve mais especificamente “um tipo de viver”, “um tipo de morar”, “um tipo de estar em algum lugar”.

É comum, para quem trabalha no ramo dos imóveis, dizer que “o imóvel define seu valor em função de onde está localizado”. Eu já pude morar em vários lugares e perceber que o lugar é muito relevante. Você pode estar morando perto de uma rotatória e ter o privilégio dos garotos ficarem cantando os pneus de madrugada – e de vez em quando perdendo o controle do carro e batendo. A localização define muito o estilo de vida.

Entretanto, quando se chamava um grupo de peregrino, isso definia não tanto o lugar em que estavam – porque vocês vão perceber que o lugar era quase detalhe –, mas a questão era a condição em que estavam. O texto da NVI traz “peregrino”, e na tradução da Revista e Atualizada traz o termo “forasteiro”.

Mas o que, de fato, isso significa?

O QUE É UM PEREGRINO? (Fp 3.20; 1 Pe 1.17)

O dicionário Aurélio traz a seguinte definição para peregrino: “O que peregrina”; “um estrangeiro”; “um estrangeiro”. Para peregrinar, ele também traz o sentido de “viajar ou andar por terras distantes”. Eu não tenho certeza se é uma imagem pessoal; mas eu sempre trazia mais a ideia do peregrino como um andarilho. Eu focalizava mais o aspecto do que se está fazendo, quando na verdade a palavra carrega mais o sentido da relação com o lugar em que se está.

O termo grego tem as seguintes definições: “Quem está em lugar estranho”; “quem não é do lugar”; “que está de passagem”. O curioso é que a carta de

Pedro não estava endereçada para pessoas que viviam num camping. Ele escreveu para pessoas que estavam devidamente instaladas naquela terra, que é a atual Turquia. Eles eram naturais daquela terra. Eles pertenciam àquele povo. Mas quando Pedro lhes escreve, ele deixa muito claro que eles são peregrinos, forasteiros, que estão dispersos.

Um judeu, naqueles dias, entendia o que Pedro queria dizer com a dispersão. Isso certamente os reportava para uma situação na história de Israel antiga, uns seis séculos atrás, em que o povo de Israel foi feito cativo pela Babilônia e vários deles, aos milhares, foram levados embora. Foram exilados da nação deles. Foi um período em que estiveram num lugar que não era o lugar deles. A Babilônia não era a terra, o lar deles. Eles eram estranhos, estrangeiros naquele local.

Mas quando Pedro dirige essa carta a esse grupo de residentes no norte da atual Turquia, ele não estava escrevendo para pessoas que não eram daquela terra. Ele estava escrevendo para pessoas que pertenciam àquele local. Seria o mesmo que, para muitos de nós aqui, escrever dizendo que não somos de Campinas, mas sim forasteiros. Peregrinos, ele iria dizer. “Mas espere: eu nasci aqui. Eu moro aqui já há tantos anos, e não tenho nenhum plano de sair.”

Mas, na verdade, quando Pedro empregou este termo chamando aquele povo de peregrinos, independente da sua relação com a cidade de Campinas, eu quero dizer para você que ele também nos chamaria de peregrinos. Pedro olha para a comunidade cristã como uma comunidade de peregrinos porque essa terra não é a nossa. Nós somos estranhos aqui, só estamos de passagem. Nossas raízes e o nosso futuro não estão aqui.

Não é difícil perceber hoje, várias vezes, cristãos defendendo princípios pensando em aplicá-los à sociedade brasileira, mas nós somos hostilizados por defendermos nossos valores, nossos princípios, nossa moral. E isso acontece porque nós não somos daqui. Nós somos estranhos.

Há um hino famoso, nem vou ousar cantá-lo, que diz: “Aqui não é meu lar, um viajante sou, Meu lar é lá no céu, Jesus já preparou. Ouvirei do portal Jesus a me chamar, No lar celestial eu quero logo entrar”. Esse hino se reporta, de novo, a essa realidade de que nós não somos daqui.

Não foi só Pedro que nos tratou desta maneira; veja o que Paulo diz aos Filipenses (Fp 3.20): *A nossa cidadania, porém, está nos céus, de onde esperamos ansiosamente o Salvador, o Senhor Jesus Cristo.* Curiosamente, essa cidade (Filipos) tinha categoria de colônia romana. Quem nascia em Filipos era cidadão romano e tinha todos os direitos de alguém que houvesse

nascido em Roma. Eles tinham um “status” em termo de cidadania elevadíssimo. Mas Paulo está dizendo a eles: “A cidadania de vocês não é aqui, nós estamos de passagem. A nossa cidadania está nos céus.”

Então, quando olhamos para esse conceito que Pedro está tratando, àquela Igreja para a qual escreve a sua carta, podemos ver que ele está dizendo: “Vocês são estrangeiros, estão de passagem. Nossos compromissos, direitos e deveres estão mais relacionados com outra pátria; nós estamos de passagem aqui. Nós estamos destinados a passar a eternidade com o Senhor.”

O próprio Pedro vai dizer mais a frente no capítulo 1, versículo 17 – perceba o quanto esse assunto aparece na carta – o seguinte (1 Pe 1.17): *Uma vez que vocês chamam Pai aquele que julga imparcialmente as obras de cada um, portem-se com temor durante a **jornada terrena** de vocês.* Nós estamos aqui numa jornada, e ela vai acabar. Para alguns, mais tarde; para outros, mais cedo; para uns de uma forma, para outros de outra. Mas nós estamos de passagem.

Willian Barclay, um escritor que eu aprecio ler, cita um dito como sendo de Jesus. O texto está numa mesquita que foi fundada no ano de 1601, na cidade de Delhi, na Índia, e é o seguinte: “O mundo é uma ponte. O homem sábio passará por ela, mas não construirá sua casa nela.”

Ainda que Willian Barclay tome aquela informação da mesquita como sendo confiável (eu, particularmente, não acredito), não existem elementos que apontem que Jesus tenha dito isso mesmo. Mas seria muito interessante. Podemos até passar por essa ponte, mas não pensamos em viver nela para sempre. A gente está só de passagem.

COMO ESSE CONCEITO APLICOU-SE AO PÚBLICO-ALVO DE PEDRO (1 Pe 1.6, 2.12, 19; Mt 26.31-35; Hb 11.13)

Quando Pedro escreveu e enfatizou que aquelas pessoas eram “peregrinas”, residentes temporários no mundo em que estavam, a ênfase foi por causa de uma realidade que estavam vivendo. Veja: ele não cunhou essa ideia, e nem foi algo para substituir o que eles estavam passando. Na verdade, isso é uma verdade absoluta: nós somos peregrinos, passageiros neste mundo.

Isso é como se fosse uma ponte para nós, mas Pedro usou desse conceito para fazer frente a uma realidade em que eles estavam passando. Em 1 Pe 1.6 é dito: *Nisso vocês exultam, ainda que **agora**, por um pouco de tempo, devam ser **entristecidos por todo tipo de provação.*** A Igreja a que Pedro está escrevendo está passando por duras provações.

Em 1Pe 2.12, ele diz: *Vivam entre os pagãos de maneira exemplar para que, naquilo em que eles os acusam de praticarem o mal, observem as boas obras que vocês praticam e glorifiquem a Deus no dia da sua intervenção.* A Igreja estava sendo acusada. Mais adiante, no versículo 19, é dito: *Porque é louvável que, por motivo de sua consciência para com Deus, alguém suporte aflições sofrendo injustamente.*

Era parte da agenda daquela igreja a provação, a acusação falsa e o sofrimento injusto. A realidade da Igreja, naqueles dias, era de injustiça, indignação, perplexidade e sofrimento. E Pedro está dizendo: “Escutem! Vocês estão de passagem!”

Vocês devem se lembrar, já que eu me referia a isso há quatro domingos atrás, que no meio da comunidade não cristã de Roma se desenvolveu uma séria ideia sobre os cristãos, a qual lhes era prejudicial diante do poder e do povo em Roma. Cristãos eram identificados como judeus. Naquele tempo, o cristianismo era visto pela sociedade pagã como uma seita dentro do judaísmo, e já naquele tempo havia restrições, perseguição e algum tipo de antissemitismo. Então, de quebra, os cristãos já começaram com resistência, restrição e perseguição porque eles eram, digamos assim, judeus.

Segundo: porque os cristãos participavam da ceia, como nós participamos hoje - e as palavras do Senhor Jesus são focalizadas: “Isto aqui é o meu corpo que é dado por vós. Comei. Isto é meu sangue. Bebei” -, desenvolveu-se a ideia de que os cristãos eram canibais. Além disso, era comum, próximo da celebração da ceia, que houvesse uma festa em que os cristãos se beijavam com o “beijo santo”, e eles também foram acusados de devassidão moral pelos romanos. Além de tudo isso, aparentemente também houve uma perseguição aos cristãos porque alguém teria dito que quando alguém se tornava um cristão, ele abandonava sua família e a destruía.

Por causa dessas ideias que já estavam presentes e latentes na sociedade, Nero, depois de incendiar Roma em 19/07/64, persegue os cristãos, indignado porque suas casas e templos foram queimados. Mas era Nero quem havia feito isso. Ele queria limpar a cidade para fazer suas construções, mas a reação do povo foi tal que ele teve que tomar uma decisão e disse: “Foram os cristãos que fizeram isso.”

Naturalmente, isso desencadeou uma perseguição não oficial em Roma, na qual o povo desenfreado e descontrolado passou a agir com crueldade com os cristãos. E essa onda foi atingindo algumas partes do império, dentre elas a igreja à qual o apóstolo Pedro está escrevendo. Ele está escrevendo a um povo que, de

alguma maneira, está sofrendo ou está em vias de sofrer por conta dessa perseguição.

Seguramente, uma situação como essa não nos é comum, mas levanta algumas perguntas. Nós percebemos que alguns líderes da Bíblia escreveram cartas do Novo Testamento para povos que estavam sofrendo com isso. E funciona dessa forma; surgem perguntas e os autores vão respondendo.

Você poderia pensar: “Mas eu sou filho de Deus e, nessa condição, acho que mereço ser tratado com a dignidade de um filho de Deus. Além do que as Escrituras dizem que Deus cuida do Seu povo. Como é que um cristão pode estar passando por aquilo que estavam passando?” Suponho que vocês estejam acompanhando as notícias do que está acontecendo: na Síria e no Iraque, o avanço do chamado ISIS, um movimento islâmico propondo um novo estado que envolva a Síria e o Iraque, tem exterminado e tem feito fugir cristãos que estão instalados numa terra há centenas e centenas de anos. Como é que pode? Por que Deus permite que uma coisa dessas aconteça?

Então o apóstolo Pedro, olhando para essa situação de perseguição e de risco, escreve a sua carta também para dizer a eles: “Vocês estão de passagem nesta terra! Vocês estão sofrendo neste momento, mas tem uma eternidade futura garantida com o Senhor. O sofrimento e as perdas que vocês estão passando não são nada comparados com a glória e a herança futura.”

É interessante que Pedro está escrevendo essa carta aproximadamente 30 anos depois da sua primeira experiência pessoal com algum tipo de perseguição ou oposição religiosa. Ainda com o Senhor Jesus, no final dos Seus dias na terra, Ele disse para seus discípulos, em Mt 26.31: *Ainda esta noite todos vocês me abandonarão. Pois está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas.* E Ele continua, nos versículos 32 e 33: *Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia.*

33 Pedro respondeu: *Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!*

O Senhor apontou para os discípulos: “Vocês estão comigo, mas ‘o tempo vai fechar’ ainda hoje à noite, e diante da situação crítica vocês vão me abandonar”. A visão que Pedro tem – e não é só dele, mas dos demais também - é: “ainda que todos Te abandonem, eu não irei.” E o Senhor Jesus respondeu para ele no versículo seguinte (Mt 26.34): *Asseguro-lhe que ainda esta noite, antes que o galo cante, três vezes você me negará.*

O Senhor estava vendo. Ele sabia. Ele disse que dali a pouco, por causa de uma situação de risco, Pedro iria negá-lo. Ele não acreditou nessa informação; na

verdade, ele acreditou mais nele mesmo, e no versículo 35 nós lemos: ***Mas Pedro declarou: Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, nunca te negarei. E todos os outros discípulos disseram o mesmo.***

Então veja: houve uma ocasião trinta anos antes de Pedro escrever essa carta. Quando está percebendo a realidade daquele povo, ele tem no seu currículo essa experiência de trinta anos antes. E mesmo quando o Senhor o alerta da perseguição, da opressão e do risco, Ele e os discípulos estão tão confiantes neles mesmos que refutam o que o Senhor Jesus diz.

Vocês conhecem a história: Naquela noite, Pedro O negou três vezes. Ele jurou que não conhecia Jesus. Para fortalecer a ideia de que não conhecia Jesus, ele chegou a blasfemar. Depois dessa experiência, ele percebeu o quanto estava desqualificado. Ele volta para a pesca, mas o Senhor o recupera. E ao longo da sua vida, ele vive uma série de situações de perseguição e hostilidade, mas fica firme. Ele é ameaçado, é surrado. Mas depois de 30 anos de experiência, que começou com uma situação de fracasso diante das hostilidades, agora ele pode dizer a esse povo com autoridade: “Nós somos peregrinos aqui. Eu vou dar as instruções sobre como você deve viver nessa vida de peregrinos, neste mundo que nos é hostil.”

Em Hebreus 11, também sobre esse mesmo assunto, há um texto que diz (Hb 11.13): *“Todos esses ainda viveram pela fé, e morreram sem receber o que tinha sido prometido; viram-nas de longe e de longe as saudaram, reconhecendo que eram estrangeiros e peregrinos na terra.* O texto nos dá uma lista de pessoas que passaram por hostilidades e mortes; e veja o que diz: Eles viveram pela fé. Eles morreram sem alcançar as promessas. Mas eles reconheceram que eram estrangeiros e peregrinos.

E isto nos traz a pergunta:

COMO ESTE CONCEITO DE PEREGRINO SE APLICA HOJE? (Mt 5.10-12)

Cada vez que eu abro o noticiário na internet ou na TV, e vejo alguma coisa sobre o que os cristãos estão passando no Oriente Médio hoje - e de certa forma pode-se dizer que a comunidade ocidental não está fazendo nada -, meu coração se aperta: pessoas decapitadas, assassinadas; mulheres cristãs sendo vendidas por mil dólares. Quando olhamos para isso, é lógico que nosso coração se entristece, e seguramente o povo que está passando por essa situação questiona o porquê.

Ainda que essas notícias nos choquem e revoltam, temos que subordinar nossos pensamentos ao que Deus fala. Por exemplo: O que Ele fala em Mt 5.10-

12? Vamos ler: ***Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.***

11 Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa os insultarem, perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês.

12 Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

Quando eu olho as notícias nos jornais, me desperta uma indignação; mas, por outro lado, eu olho para as palavras de Jesus que dizem: “muito feliz é quem passa por isso”. É lógico que Ele não está falando que é feliz “no passar por isso”, “por passar por isso”, mas o que está dizendo é o seguinte: “A sua carreira temporal e de peregrino podem ser marcadas de crueldade, injustiça, sofrimento e calúnia; mas Eu vou compensá-lo. Você vai olhar para trás e vai perceber que Eu o compensei.”

Quem passa por isso não estará frustrado na eternidade. Então, quando vejo as notícias, meu coração se entristece, e minha incapacidade de fazer alguma coisa se acentua; mas por outro lado eu digo: “Pai! O Senhor prometeu que essas pessoas vão se alegrar e vão ser felizes, e eu Te louvo por isso.”

Mas nós não estamos passando por essa perseguição. Podemos passar por hostilidades, situações constrangedoras (no contexto da escola, do trabalho etc.) simplesmente por sermos cristãos. Dias atrás, duas estudantes da igreja provaram da hostilidade de um professor da escola. Mas isso é pouco. De uma forma geral, nós estamos bem. Então, de que nos vale esse conceito de sermos peregrinos?

A nossa maior ameaça é que, diante do bem-estar que temos hoje, nós pensemos que estamos bem e que estamos para sempre aqui, e acabemos pautando as nossas orações dizendo: “Senhor! A vida nossa é aqui. É a nossa casa, a nossa saúde, o nosso dinheiro, a nossa felicidade!”

Mas nós estamos nos esquecendo de que nós só estamos de passagem aqui. Então, se por um lado, quando Pedro escreveu sua carta, escreveu a uma igreja perseguida, sofredora, dizendo para eles que eles são peregrinos aqui, hoje eu tenho que falar para vocês, uma igreja que de certa maneira está numa “boa”, que tem no máximo perseguições leves, pequenas. Você pode trocar seu carro confortável; pode morar numa casa confortável; pode ligar o ar-condicionado se está muito calor, e se está muito frio liga também. O risco é estarmos construindo nossas vidas como se aqui fosse a nossa terra, e não é. Nós estamos de passagem, nós somos peregrinos, nós somos estrangeiros.

Meus irmãos, seguramente a compreensão de que eles eram peregrinos servia para consolá-los e encorajá-

los. Mas a compreensão de que nós estamos nesse mundo como peregrinos serve para advertir-nos. É para nos livrar de uma cegueira. Por exemplo: Com o que você está preocupado neste mundo? Esse mundo é o império das trevas, e o Brasil está dentro do império. O Brasil não será uma igreja. Mas vivendo na sociedade desse mundo, o que o preocupa? É a situação econômica? É o que vai acontecer no ano que vem? O que vai acontecer na gestão de quem ganhar? Quem vai controlar a economia deste país, é a própria Dilma ou o Eduardo Janot? Meus irmãos, o que o preocupa?

Vocês que tem a minha idade ou mais do que isso (eu tenho 59 anos) vão se identificar: é impressionante como as doenças vêm e não vão mais embora. Eu estava sentado ali, e de repente alguém senta na minha frente e tem que colocar um suporte nas costas. Não vai sair mais disso, só quando for para a Pátria Celestial. Senhores, essa é a realidade.

Ontem eu encontrei uma senhora que não via há bastante tempo, e falei: “Dois ou três anos atrás você estava doente.” Ela falou assim: “Estou até hoje.” É lógico que devemos nos preocupar com a nossa saúde; mas nós estamos aqui de passagem.

Eu me lembro de quando, anos atrás, estava com algumas alterações de saúde que me faziam acordar repentinamente, abruptamente, na madrugada; e havia alguns sinais de que poderia ser o coração. E era impossível ver aquilo sem acordar minha esposa. Um dia, eu tive que conversar com ela: “Você está preocupada se eu vou morrer?” Ela falou: “Não.” Aí eu fiquei preocupado. Eu queria que ela ficasse preocupada. Ela disse: “Não. Se o tempo que Deus tem para você estar vivo já acabou, não vale a pena você continuar aqui.” Nós estamos aqui de passagem.

Se dobrassem seu salário, o que você faria? Estamos aqui de passagem. Lembrem-se disso: nós estamos passando na ponte. Não podemos construir na ponte; nós estamos de passagem. A casa que você está construindo é para quê? É para a glória de Deus ou é para a sua glória pessoal? Você cuida do seu carro para quê? O curso ou seu trabalho é para quê? Você ganha o seu dinheiro para quê? Você está considerando que está aqui de passagem? Ou você está vivendo como você fosse ficar aqui para sempre?

Há uma epístola antiga chamada “epístola de Diogenetus”. Esse homem, Diogenetus, escreveu o seguinte: “Cristãos não são distinguidos do resto da humanidade por seus países, suas falas e seus costumes... Eles habitam cidades gregas ou bárbaras, cada um em seu terreno, seguindo os costumes da região, como roupas, comida e outros aspectos externos. Eles ainda manifestam maravilhosamente e abertamente as

características de seu próprio estado. Eles habitam suas cidades natais, mas como residentes temporários; eles partilham das responsabilidades de cidadãos, e resistem às deficiências. Toda terra estranha é sua terra natural, e toda terra natural lhe é estranha... Eles passam seus dias na terra, porém sua cidadania é celestial”. Nós estamos aqui, mas não somos daqui. Estamos passando por aqui, meus irmãos. Essa é a perspectiva de um cristão.

CONCLUSÃO

Eu quero encerrar a minha mensagem de hoje com uma citação de C.S. Lewis. Ele disse o seguinte: “Se encontro em mim um desejo que nenhuma experiência neste mundo possa satisfazer, a explicação mais provável é que eu fui feito para outro mundo”. Nós nunca estaremos satisfeitos nesse mundo. Nós fomos escolhidos, separados e salvos por Deus porque nós pertencemos à outra pátria.

Não adianta você orar ou insistir com Deus para que Ele dê a você uma vida que plenamente o satisfaça. Isso não vai acontecer a não ser que você peça para Deus, se fosse possível, para que Ele o desligue de sua cidadania celestial, dizendo: “não, eu sou só desse mundo mesmo”. Talvez, nesse caso, você pudesse encontrar satisfação nas coisas temporárias. Mas as mais profundas ansiedades do povo de Deus não vão ser satisfeitas aqui, mas só na Pátria Celestial.

Então, meus irmãos, não podemos viver administrando nosso tempo, nossas prioridades, nossos valores e nossos recursos com a perspectiva de que vamos estar aqui para sempre. Não vamos. O que você está fazendo com a sua vida? Você é um peregrino, um forasteiro. Esse mundo é uma ponte pela qual você está passando. Tudo o que você tiver que construir ou cursar deverá ser pautado em função dessa verdade: a nossa pátria está nos céus. Não se deixe seduzir por esse mundo. Se sua vida está totalmente confortável aqui, tem alguma coisa errada. Você está só de passagem.

Lembrando disso, todos nós devemos considerar clara e intensamente como estamos vivendo os nossos dias. Quais são as suas paixões? Como é que você divide e gasta o seu tempo? Como é que você destina seus recursos adquiridos? Qual é a motivação no trabalho ou na escola em que você está? Lembre-se: Você só está de passagem.

A carta de Pedro é para um povo que foi eleito por Deus, mas que só está de passagem por aqui. A empresa em que você trabalha, a escola em que você estuda, a casa em que você está, o carro que você dirige, a saúde que você tem... É só de passagem. Olhe para frente: lá está sua pátria celestial. Vamos orar.

Pai Celestial! Quero Te agradecer porque constantemente o Senhor nos lembra de que a nossa vida não é essa que temos aqui. Nós estamos de passagem. Dá-nos sabedoria, Pai bondoso, para não sermos iludidos, seduzidos e enganados, levados a viver a vida como se tudo fosse aqui, agora, para o nosso prazer, para o nosso direito. Não, Pai. Ajuda-nos a viver a vida agora com os olhos na eternidade. Com os pés presentes neste mundo, mas com o coração em Ti, no dia em que vamos estar com o Senhor. Aqui podemos estar hostilizados ou de alguma maneira confortáveis; mas que a gente não O perca de vista, lembrando-nos de que só estamos passando por aqui. Eu oro, ó Pai, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

"Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra" (2 Co 9:7-8)

Para contribuir com esse ministério acesse: www.ibcu.org.br/ofertas

Mensagem das Sagradas Escrituras apresentada na Igreja Batista Cidade Universitária (IBCU), Campinas - SP. Publicação do Ministério de Comunicação da IBCU. Esta versão contém modificações em relação ao áudio, que está disponível em nosso site (www.ibcu.org.br). Para receber cópias em CD, escreva-nos ou ligue-nos. Ministério de Comunicação - Igreja Batista Cidade Universitária – Rua Tenente Alberto Mendes Jr., 5 – Vila Independência – Campinas - SP - CEP 13085-870. Fone: (019) 3289-4501. E-mail: comunica@ibcu.org.br.